

Conclusão: “Brasileiros”

A bordo do “Tocantins”, a primeira comissão científica formada somente por integrantes brasileiros, todos membros do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, partia da Corte a 26 de janeiro de 1859 rumo ao Ceará. Assim teve início a viagem da Comissão Científica Exploradora das Províncias do Norte, conduzida por ilustres personagens das “letras e ciências” do Império. Entre seus membros, estavam nomes que eram estreitamente ligados ao círculo de D. Pedro II. Lá figuravam como chefes das seções específicas da Comissão Científica: Francisco Freire Alemão, na seção de Botânica e na presidência da Comissão; Guilherme Schuch Capanema, da seção Mineralógica e Geológica; Manoel Ferreira Lagos, na seção Zoológica; Giacomo Raja Gabaglia, na seção Astronômica e Geográfica; e Antonio Gonçalves Dias, na seção Etnográfica, e que também era o relator oficial da viagem.

A Comissão Científica organizada pelo Império saíra do projeto iniciado em debates no Instituto ao final de três anos; e se começara acalentando sonhos de glória nacional, no decorrer do tempo, fora perdendo o brilho. Não só as relações pessoais dos membros com o Imperador, como os diversos percalços sofridos na expedição, que incluíram incidentes como o extravio de relatórios, o desentendimento de seus membros e a morte de um camelo, renderam à Comissão os apelidos jocosos de “Comissão das Borboletas” e de “Comissão Defloradora”, empregados pelos opositores do governo.

A chegada mesma da Comissão em Fortaleza parecia anunciar a má estrela da expedição. Sob uma chuva torrencial, ao cair da noite, os cientistas aportavam com os frágeis instrumentos, que eram abrigados às pressas em um galpão, correndo o risco de se inutilizarem em um solavanco no descarregamento. Os tão esperados resultados não apareceriam como imaginados, os maldizeres sobre os

expedicionários se espalhariam pela Corte, e a memória sobre os seus feitos se tornaria mais tímida e apagada do que a repercussão de sua criação.¹

Gonçalves Dias se encarregou de relatar os passos dos trabalhos científicos em “cartas” que escreveu para o *Jornal do Commercio* entre fevereiro de 1859 e junho de 1860, divulgando os resultados parciais da viagem. Não contou naquelas cartas públicas, obviamente, as brigas e indisposições entre Capanema e Lagos, nem suas aventuras amorosas com as “nativas” e fanfarrices com o amigo Capanema, cujos boatos circularam rapidamente, não tardando a criar a espirituosa alcunha de Comissão Defloradora.

Mas de seu relato etnográfico mesmo, pouco restou. Ao que se conta, parte do material foi perdido na tormenta de um rio que derrubou sua canoa, em meio à viagem. Após sua ida à Amazônia, onde pretendeu prosseguir as instruções do programa da seção etnográfica, Gonçalves Dias anunciou que concluiria, assim que melhorasse de seu estado de saúde, o relatório final dos trabalhos da sua seção. O amigo e biógrafo de Gonçalves Dias, Antonio Henrique Nunes Leal, afirmou que o relatório chegou a ser finalizado, mas que este provavelmente se perdera junto com outros escritos, em meio ao naufrágio que tirou a vida do poeta, em 1864. No entanto, ao que tudo indica, este relatório nunca foi escrito,² mesmo porque, sua degradação física e mental parecem ter impedido Dias de prosseguir em muitas outras incumbências.

Dos pequenos indícios dos trabalhos realizados por Gonçalves Dias para a seção etnográfica, feitos no Ceará, encontramos algumas anotações, gravadas em sua letrinha miúda em pequenos pedaços de papel, onde escreveu referências de documentos das vilas que visitara, dados históricos das aldeias, notas de documentos sobre os índios aldeados e de cartas régias que mencionavam a

¹ Consideramos aqui, obviamente, somente a opinião que teve deste empreendimento a maior parte dos contemporâneos, e que acabou por moldar uma “memória” da Comissão. Atualmente, tem-se revisto esta posição, tornando a Comissão Científica Exploradora um objeto fecundo para estudos sobre este período da ciência nacional. v. por exemplo, a análise de Kury, Lorelai. “A Comissão Científica de Exploração (1859-1861)”, em: Heizer, A. & Videira, A. A. P. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2000.

² A opinião é de Renato Braga, que contesta a versão de Leal, afirmando que este provavelmente vira o relatório parcial apresentado ao Instituto. V. Braga, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração*, s/l, Imprensa Universitária do Ceará, Coleção Mossoroense, vol. CC, 1982 (1962)

localidade, e esboços de pequenos “censos” sobre a população local.³ Anotara também, sempre que podia, palavras em língua indígena na forma de verbetes para um dicionário. Deste material bruto, o que se vê é somente a indicação do que chegou a separar para cumprir com a investigação etnográfica que lhe foi exigida: vasculhando a história do lugar, investigando a formação de aldeias e suas dispersões; formulando estatísticas, atentando para a composição da população em “brancos”, “pretos” e “pardos”; anotando a presença do tupi nos nomes das aldeias, vilas e rios e verificando o significado dos nomes.

Do Ceará não obteve muito material. Gonçalves Dias argumentou que já não havia quase índios *puros* – a não ser uns poucos Chocós em Milagres – sendo necessário seguir viagem mais ao norte, para a Amazônia, onde encontraria tribos ainda em pouco contato com os brancos. Lá esperava, certamente, encontrar o que havia chamado de “berço” da última “raça conquistadora”, e navegaria o Amazonas, rio onde “a alma então se abisma não podendo fazer idéia perfeita do que é esta imensidade” (Dias, 1998: 1115).

No Ceará pôde, no entanto, observar a gente já “misturada”, e de passagem anotou uma pergunta que andava correndo por São Bernardo das Russas, alvoraçando a população: “Dizem que o Imperio vem para o Brasil?” A pergunta também implicava em concluir, como o fez de forma irônica Gonçalves Dias, o estranhamento de uns e de outros: “O Brasil já se vê que é o Ceará, ou melhor, S. Bernardo das Russas. Com esta explicação advinha-se a charada.”⁴ Na cômica dedução do poeta, onde a identidade local não se reconhecia na do Império, estavam traduzidas todas as distâncias entre as províncias do Norte e a Corte; distâncias que permitem dizer que ali se deveria tratar de realizar uma outra “etnografia”, como de fato foi feito, com a “coleta” dos tipos locais, dos modos de vida e de alguns relatos.

De certa forma, e ainda que os resultados da Comissão tenham sido considerados “parcos” em relação ao esperado para os diversos campos que se propunha a investigar, principalmente no que dizia respeito às investigações da seção etnográfica no Ceará, pode-se dizer que é o encontro de seus membros com as populações locais que traz para nós algumas constatações interessantes para

³ O material recolhido encontra-se entre os manuscritos do arquivo de Gonçalves Dias na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional.

⁴ Ceará, 12 de abril de 1860. *Jornal do Commercio*, 10/05/1860.

retornarmos às questões que diziam respeito à etnografia do Império e que fora debatida durante as duas décadas precedentes.

Primeiramente, porque este encontro, entre a população “misturada” e os membros da Comissão, dava ensejo para sublinhar certos posicionamentos assumidos por aquela etnografia. Como vimos, a etnografia do Instituto, que tomava o elemento indígena como matéria, dava respaldo a uma reflexão sobre a “população” do Império. Como nem sempre a “população” era equivalente à idéia de povo que almejavam os letrados do Instituto, estes buscaram definir as feições da primeira através da positivação do elemento indígena. Curiosamente, esta proposição de formar um futuro “povo” a partir de uma população constituída por brancos e índios, subtraindo-se o elemento negro, fora mais claramente formulada por Varnhagen, não obstante todas as críticas que recebera por membros do Instituto, por seu posicionamento escravista frente aos índios. Quando conclamava seus pares a aceitar seus argumentos a favor do apresamento e tutela forçada dos índios, Varnhagen expunha que deste modo:

Teríamos com eles um aumento de braços menos perigosos que os dos negros, porque daqui a pouco estariam misturados conosco em cor e em tudo; e então teríamos em todas as províncias – povo – classe social que algumas não possuem.⁵

A forma como Varnhagen expunha a questão justifica a preocupação da Comissão em olhar para as populações do Norte, como expressava também Gonçalves Dias em uma das cartas para o *Jornal do Commercio*. O relator da seção etnográfica justificava do seguinte modo os seus trabalhos:

A seção etnografica tem no seu ramo achado bastante materia para observação. O Brasil é um dos paises mais favorecidos pelas circunstancias para estudos semelhantes, pois que nele se encontram três raças cujo exame em outras condições exigiria longas peregrinações e fadigas. A sua reunião no mesmo ponto, não só facilita compara-las entre si, mas, o que é de muito maior alcance, proporciona a ocasião de as observar nos produtos que resultam dos cruzamentos alternados dessas mesmas raças e suas variedades entre si.

Sendo isto exato para o Brasil em geral, é notável que o Ceará, das nossas provincias aquela em que se contam menos escravos e onde se encontram menos indígenas de raça pura, seja ao mesmo tempo a

⁵ Varnhagen, F. Adolfo reproduzido em: Almeida, Manuel Antonio de. *Obra dispersa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1991, p.15.

que apresenta os tipos mais belos e mais bem caracterizados da mistura das duas raças.⁶

Nos diários de Freire Alemão também figuravam as descrições e impressões da população deste outro Brasil, com outra composição de cores. As impressões do botânico da expedição atestavam positivamente a “mistura” da população encontrada, insistindo no benéfico cruzamento entre os “americanos” e os “brancos”, quase sem a presença de negros. Considerava que:

A beleza das formas desta gente, e que em meninos são alguns tão claros como ingleses, e que fazem contraste com os da nossa gente de lá do Rio, mal conformados e doentios em geral, pode ser devido em parte à influencia do clima, em geral saudavel e ameno; mui creio que tem grande parte nisso a mistura com o sangue americano; quando no Rio predomina a mistura de sangue africano.

A esta mescla americana será também devida a clareza de intelligencia, a vivez e desembaraço que mostra o povo e que o assemelha em povo em os da raça espanhola do sul da America.⁷

Freire Alemão parecia querer ver nas mulheres e homens que encontrava o prognóstico da mistura entre índios e brancos na versão dada pela etnografia do Instituto Histórico, sobre a questão da composição nacional. Como vimos no último capítulo, o “cruzamento de olhares” entre os debates etnográficos do Instituto e as práticas políticas e institucionais sobre as populações locais se fazia a todo o momento. Assim como a etnografia do Instituto eliminava o elemento negro e valorizava o índio, o olhar de Freire Alemão já elegia a “mescla americana” em detrimento da população do Rio, mais misturada com o “sangue africano”. Como se a leitura etnográfica do Instituto já fornecesse todos os dados de que o olhar necessitasse, os juízos incutidos na positivação da assimilação indígena já moldavam sua própria avaliação frente ao visto. Neste condicionamento, Freire Alemão parecia quase antever uma população em um processo de branqueamento futuro, quando destacava que sobressaía nas crianças do Ceará os cabelos claros e até alourados, como de crianças européias. Parecia assim também revalidar a “extinção” precipite dos índios “puros”.

Mas, ainda, de outras maneiras o encontro da Comissão com a população do Ceará faz-nos pensar de forma mais abrangente na perspectiva da etnografia do

⁶ Fortaleza, 18 de maio de 1859. Cópia datilografada da carta do Jornal do Commercio, s/d.

⁷ *Diário de Freire Alemão*, Pacatuba, 13 de maio de 1859. Ms. Microfilmado.

Instituto. Afinal, a criação do espaço da etnografia tinha a ver com uma busca pela expansão do sentido de “povo” brasileiro, singularizando assim a Nação.

O recolhimento de um folclore nos registros paisagísticos das aquarelas de José Reis de Carvalho, o desenhista da expedição, por exemplo, era expressão de uma etnografia que também se fazia sobre as populações locais do Ceará. Reis de Carvalho reproduziu algumas cenas daquele agreste, dos povoados, dos currais feitos de carnaúba, dos carros de boi, das pescas de piranhas, das mulheres fazendo renda. Muitas daquelas imagens, bem como os objetos de cultura material do Norte, chegaram assim a serem conhecidos na Corte. A Exposição Nacional da Indústria de 1861 levou para as salas do evento os retratos de vaqueiros e pescadores, e objetos como as redes de pesca, cestos e chapéus, além do curioso “Troféu de Armas indígenas”, provavelmente feito com o material coligido por Gonçalves Dias no Amazonas, onde se via um amontoado de zarabatanas, flechas e remos empilhados.⁸

Sabemos que a “etnografia” das populações só poderia ser feita por uma distância prévia, maior talvez do que a distância física entre a Corte e as Províncias do Norte. As palavras do ministro do Império, o marquês de Abrantes, no Prefácio ao catálogo de imagens da Exposição de 1861, expressavam ainda as muitas outras distâncias, não só da Corte com as províncias do Norte, mas também desta com as outras partes do Império, mostrando que a palavra “nacional”, tal como ele mesmo concluía, ainda não conseguira tomar a dimensão devida, malgrado todo o intento de expansão do seu governo:

Mas embora de tantos benefícios gozassem os expositores e as 50.000 pessoas que visitarão a Exposição, he todavia, certo que não se completara cabalmente o fecundo pensamento que presidira a sua organização. Sendo Nacional devia ela prodigalizar a todos os Brasileiros, e não limitar aos que percorreram suas sallas, as proveitosas lições, e util animação que lhe cabia dar.

Convinha indeclinavelmente ocorrer a algum meio, que, completando quanto possível fosse aquelle pensamento, proporcionasse aos habitantes de qualquer localidade do Paiz o gozo senão de todos, ao menos de boa parte dos fructos que poderão colher aos residentes nesta Corte e Provincia do Rio de Janeiro.

⁸Recordações da Exposição Nacional Brasileira em 1861. Rio de Janeiro: Typ. Unversal de Laemmert, 1862. *Catálogo dos productos naturaes e industriaes que figurarão na Exposição Nacional de 1861*. Rio de Janeiro: Typografia do Diário do Rio de Janeiro, 1862.

Lamentava-se assim o representante do governo imperial que a Exposição Nacional não pudera se cumprir em sua vocação, como queria seu nome, tendo sido ela conhecida somente pelos habitantes da Corte e da província do Rio. Mas, poderíamos, no entanto, nos indagar: para aqueles 50.000 visitantes do Município Neutro e da Província do Rio, não teria sido a exposição de fato tão “nacional” como a São Bernardo das Russas era o próprio Brasil para seus moradores? O curioso desta constatação estava no fato de que ambas as “localidades” poderiam se reconhecer como brasileiras – tanto na Corte quanto nas províncias do Norte – apesar de mutuamente não se verem como as mesmas.

A não-comutabilidade entre as partes, no entanto, não se finaliza aí. Pois não se trata aqui somente de dizer que existiam alteridades dentro do que se queria unitário, mas também de salientar que havia a presença de fortes desníveis naquele não-reconhecimento. Estes desníveis estão indicados no que parecia ser a nomeação de uns e de outros: para São Bernardo das Russas, o Brasil não era o Império; para a Corte, o Brasil se confunde com o Império, que por sua vez deveria incluir de alguma maneira aquele “outro” Brasil. Os desníveis ainda compareciam em outras roupagens. Vestida como civilização, a Corte nomeia o outro de atraso. Como viagem científica, era o Norte que se transformava em objeto, sob o olhar do Império e da Corte.

Para os da Corte, o elo entre o “nós” e o resto da “população” do Império poderia ser criado pela etnografia que vimos perseguindo nos capítulos anteriores. Para aqueles habitantes, os objetos que figuravam na Exposição, trazendo as imagens das regiões distantes do Império, ensinavam-lhes os lugares, os produtos naturais e os nomes dos objetos cotidianos daquele outro Brasil. E a pedagogia das Exposições tornaria possível a concretização de um desejo de expansão do Império para dentro dos corações e das mentes dos homens e das mulheres que, ao menos naquele círculo estreito da região fluminense, poderiam sonhar a grandeza de sua pátria.